

GRACILIANO RAMOS (1892-1953)
A LETRA A SERVIÇO DOS HOMENS SECOS E AGRESTES

Luiz Ricardo Leitão*

I. O mundo coberto de terras

(...) *No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.*

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

O Brasil é um país de latifundiários. Desde o tempo das sesmarias de finados Zacarias, ainda no séc. XVI, durante a primeira onda de globalização do Novo Mundo, ser proprietário de vastas extensões de terra é um símbolo de poder em Pindorama (que o diga FHC, ex-sociólogo dos príncipes, cioso de sua brejeira fazenda em Buritis). Muitos pensadores brasileiros esmiuçaram essa verdade tropical, mas poucos romancistas souberam apreender com suficiente lucidez e imaginação o singularíssimo arranjo de classes graças ao qual os velhos *coronéis* da casa grande ludibriaram a senzala e se perpetuaram no imaginário nacional e também na vida prosaica da Terra de Santa Cruz.

Dentre eles, ninguém decerto foi mais agudo em denunciar essa artilosa fórmula de *modernização sem ruptura* do que o seco e agreste cabra alagoano Graciliano Ramos, autor de diversas obras-primas da literatura brasileira e criador de entes ficcionais que talharam no espírito de seus leitores uma compreensão luminosa do urbano e do agrário em nossa experiência periférica de modernidade. Para quem duvida da premissa, vale a pena uma breve viagem pelas letras tupiniquins.

Machado de Assis, por exemplo, era genial. Um crítico literário chegou a enunciar, no título de um livro, que ele foi “um mestre na periferia do capitalismo”. O mulato humilde, filho de lavadeira, cuja iniciação nas letras se deu sob um fio de luz numa oficina de tipografia, soube retratar como poucos o cinismo das elites, sempre liberais e complacentes em seu discurso – mas implacáveis e autoritárias em sua práxis social.

Quando lemos *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e nos espantamos com os caprichos de seu narrador, capaz de montar a cavalo em crianças escravas e prometer ao leitor eventos que nunca relatará, a associação com Collor ou FHC é imediata. *O menino é o pai do homem...* No plano retórico, a *modernidade* é uma lei natural, verdadeira panacéia para os males dos “descamisados”; na vida real, “esqueçam tudo o que escrevi” – e também aquilo que casualmente disse em campanha.

Machado, porém, não quis sair da cidade. Segundo ele próprio escreveu, o mundo “*começa aqui no Cais da Glória ou na Rua do Ouvidor e acaba no Cemitério de São João*”

Batista. Ouço que há uns mares tenebrosos para os lados da ponta do Caju, mas eu sou um velho incrédulo”. Foi, de fato, uma pena. Se tivesse seguido o exemplo de Lima Barreto (outro mulato extraordinário, mas quase um marginal na *cidade das letras*), o criador de Brás Cubas talvez nos tivesse revelado aspectos ainda mais sutis da nossa *modernização*, em um país onde a evolução capitalista é fruto de uma aliança secular do latifúndio com a burguesia urbana.

Quando escreve *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911-15), Barreto cria a personagem literária que melhor condensa as mazelas da *República Velha* (1889-1930), em particular a absurda proliferação dos latifúndios improdutivos, a falta de assistência ao homem do campo e a submissão da economia rural aos interesses do mercado internacional. A mesma denúncia é reiterada com sarcasmo invejável na sátira *Os Bruzundangas* (1923):

No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a cousa mais fácil desta vida.

O escritor, contudo, embora atento à questão agrária na república do “café com leite”, nunca se tornaria um porta-voz dos excluídos de nossa ordem rural liberal-oligárquica. De certa forma, quem cumpre essa missão é Euclides da Cunha com *Os Sertões* (1902) e Monteiro Lobato com o conjunto de sua obra.

A revolta de Antônio Conselheiro e sua gente, que a imprensa da época descreveu como episódio de puro “messianismo social”, coisa de “fanáticos saudosos do Imperador”, desmascarou o caráter de classe da nascente República, tosco arranjo de interesses oligárquicos totalmente subordinados ao capital estrangeiro: a terra – e o poder – era só dos *coronéis*. A rebelião de Canudos, na Bahia, assim como a Guerra do Contestado, em Santa Catarina, apesar da heróica luta do povo rural, terminou por sucumbir diante da furiosa reação das elites. Euclides, porém, consagrou a imagem da resistência popular: *o nordestino é, antes de tudo, um forte*.

Monteiro Lobato, o mais famoso autor dos anos 20 no Brasil (119500 livros vendidos em 1922!) também se ocupou dos excluídos do campo. A figura desamparada e maltrapilha do *Jeca Tatu*, caipira rude e cheio de vermes, até hoje habita o imaginário coletivo nacional. Para muitos, o Jeca é um símbolo da *barbárie* rural; para Lobato, porém, era a denúncia mais veemente da miséria e descaso que a classe camponesa sofria no país da casa grande e senzala. Lástima que nem sempre tenha sido compreendido. Os modernistas de 22 muitas vezes o atacaram, tachando-o de conservadorismo estético e ideológico. Mas como não reconhecer seu parentesco com *Macunaíma*, “o herói sem nenhum caráter”, essa personagem com a qual Mário de Andrade trouxe à tona a discussão da *inteligência* sobre o velho fantasma da identidade nacional? *Preguiçosos e indolentes*, Macunaíma e Jeca são, no fundo mais fundo do mato-virgem, apenas a outra face das velhas oligarquias.

II. Só há curvas onde as retas foram impossíveis

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis.

Evitei-me emaranhar-me em teias de aranha.

(...)

Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram da inteligência, que é fraca.

Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome.

Não me fizeram falta.

Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos. Paz e prosperidade.

(Graciliano Ramos, *Relatório ao Governador do Estado de Alagoas*)

Ele morreu há 50 anos, mas o gume de sua letra ainda reluz em um mundo repleto de aves de arribação. Nenhuma outra ficção ousou afrontar tanto o estigma de barbárie que paira sobre nossos sertões e, de quebra, mergulhar na alma eloqüente de seu povo. O silêncio, afinal, é apenas exterior. Um professor escreveu outro dia, em um caderno da grande imprensa, que em *Vidas secas* (1938) avulta a “anemia do pensamento”. *Patologem das boas*, diria o vaqueiro Fabiano por trás da cerca. É fato que o papagaio da família nunca falava – e isso até precipitou o seu fim. E também é verdade que a solidão pode embrutecer e desumanizar as criaturas, embotando a sua expressão racional, mas no interior dos homens secos e agrestes a vida mental é “profunda e dilatada, remoente”. Para aqueles que negam ao sertanejo a capacidade da auto-análise e a consciência de sua interioridade, privativa de psiquismos “mais complexos”, *Vidas secas* é contundente: não apenas a utopia, mas a própria ficção há de brotar da áspera realidade.

A exemplo de Fabiano, Graciliano também era um cabra arredio, retraído. Sua sina era instalar grãos de dúvidas no muro das verdades cristalizadas. Em *Memórias do cárcere* (1953), testemunho inacabado de sua odisséia pelas prisões do Estado Novo entre 1936 e 37, os companheiros comunistas muitas vezes o viam ensimesmado, quem sabe a digerir em sua imaginação aquilo que o mestre Leandro Konder um dia chamou de “a derrota da dialética”, ou seja, a assimilação difusa e refratária das idéias que importamos do Velho Mundo para servir aos nossos planos de libertação (tão irrealis quanto as sombras com as quais os prisioneiros da caverna platônica pretendem apreender a realidade exterior).

Se porventura se intrigavam com aquilo, era porque decerto não haviam lido o famoso relatório anual escrito em 1929, durante sua gestão na Prefeitura de Palmeiras dos Índios. Até mesmo sua aparição no cenário letrado nacional se dá sob o signo dessa opção, na qual o político e o escritor se irmanam sob o véu da humanidade. José Lins do Rego, outro prosador de mão cheia (*Fogo morto* é, de longe, o mais pungente depoimento sobre a decadência do engenho no Nordeste), quando bateu o olho no documento, não hesitou: apadrinhou o prefeito e o fez ingressar na *cidade letrada*. Não era para menos.

Em um mundo coberto de penas e sofrimentos, o romancista esteve sempre a serviço dos homens secos e agrestes. Certa feita, Carlos Lacerda, na época apenas um aprendiz de comunista (ainda nos anos 30, antes de sua conversão ao *udenismo*), criticou-o por eleger “um fazendeiro” protagonista de um romance social (*São Bernardo*). Quanta

cegueira! Lacerda não entendeu nada do que leu... Quem disse que Paulo Honório simboliza a burguesia brasileira? Ele quis ascender a tal condição, mas sua origem de classe era bem distinta: foi trabalhador de eito, sem eira nem beira, aprendeu a ler na cadeia, “em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos bodes”. Depois, casou-se com uma normalista (uma alegoria da pretensa aliança da burguesia nacional com a classe média urbana?). Procurou ser dinâmico, moderno, empreendedor, mas o Brasil não é terra para Fausto e outros mitos de *selfmade man*. Quando deu por si, já era mais um Fabiano, aprisionado pelo latifúndio ocioso, sólido, moroso e inabalável.

O mestre Graça parecia querer nos dizer que, na cultura da *modernização sem ruptura*, o velho ainda sabe usar a roupagem do novo, ditando o curso da transformação capitalista sob o ritmo dos alqueires infinitos. Em suas contínuas versões, sela pactos turbulentos, porém eficazes, com os compadres da cidade; articula golpes e contragolpes; rastreia as rebeldias prestes a explodir e antecipa-se à sua propagação. Seduz alguma gente e, se necessário, reprime outros tantos. Até quando, porém, o fôlego lhe sobrar? *Só há curvas onde as retas foram impossíveis*. Creio que era nisso que o vaqueiro Graciliano cismava à porta de seu cárcere imemorial...

* **Luiz Ricardo Leitão** é escritor e professor associado da UERJ. Doutor em Literatura Latino-americana pela Universidade de La Habana (Cuba), é autor de *O campo e a cidade na literatura brasileira* (ITERRA, 2007).